

CAPITAL, TERRITÓRIO E TRABALHO NO OESTE PARANAENSE: O FRIGORÍFICO DE AVES DA COPAGRIL

Diane Daniela Gemelli *

daianegemelli@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Esse artigo traz algumas reflexões sobre nossa pesquisa de mestrado, em que buscamos desvendar alguns dos contornos e conflitos implícitos na relação capital/trabalho e expressos na territorialização da atividade industrial no Oeste Paranaense. Para isso verticalizamos nossas análises no município de Marechal Cândido Rondon e nos tentáculos de expansão do frigorífico de aves da Copagril que se materializam na construção territorial para além dos limites municipais.

Nosso objetivo principal da pesquisa é compreender a importância da formação para o trabalho como requisito para a instalação do frigorífico no município, englobando a mobilidade dos trabalhadores de diversos municípios para o trabalho repetitivo, degradante e precarizado.

O TRABALHO NO FRIGORÍFICO DE AVES DA COPAGRIL

O Frigorífico de Aves da Copagril instalou-se no município de Marechal Cândido Rondon em 2005, ocorrendo o primeiro abate em abril daquele ano. No âmbito de nossas discussões atreladas a ciência geográfica e ancorados na Geografia do Trabalho, temos indagado sob os reflexos da instalação/expansão deste frigorífico, e, portanto do capital, no que tange a organização espacial, o (re)ordenamento territorial e os efeitos sob a práxis social, sobretudo para os cerca de 1600 trabalhadores e trabalhadoras do frigorífico.

Num primeiro momento nos indagamos sobre os efeitos da qualificação profissional, para a territorialização das indústrias alimentícias no Oeste Paranaense, incluindo, além do Frigorífico de Aves da Copagril, o da C.Vale no

* Pósgraduanda em Geografia Produção do Espaço e Meio Ambiente. Instituição: UNIOESTE/Fco.Beltrão e Mal.Cdo.Rondon. Bolsista da CAPES.

município de Palotina, da Sadia localizado em Toledo, a indústria de biscoitos Faville, e a Frimesa que produz derivados do leite, ambas em Marechal Cândido Rondon.

Dessa pesquisa resultou nossa monografia, e alguns dados obtidos possibilitaram o questionamento sobre a expansão do capital, sobretudo em Marechal Cândido Rondon, com a instalação do Frigorífico de Aves da Copagril, e de que forma tal feito está relacionado com a formação do trabalhador para o trabalho, entendida num sentido amplo, para além das qualificações técnicas/produativas, haja vista, que na pesquisa anterior, constatamos que a qualificação necessária para realizar as funções no chão de fábrica são mínimas, além disso os frigoríficos de aves são indústrias com baixa incorporação tecnológica, o que faz com que grande parte do trabalho seja realizada manualmente, de forma intensa e repetitiva, com vistas a atingir as metas diárias de produção.

Portanto aquele “novo trabalhador” em voga na literatura em épocas de reestruturação produtiva e designado toyotista, que deve se mostrar polivalente, multifuncional, buscando constantemente a (re)qualificação profissional, que se enquadre nos diversos setores produtivos, com capacidade para resolução de problemas, além de vestir a camisa da empresa se mostrando ágil e produtivo,

sendo capaz de acompanhar as mudanças e as necessidades do mercado e que se adapte às inovações produtivas e tecnológicas, entre tantos outros atributos, se encontra mesclado ao trabalhador fordista/taylorista nas indústrias de alimentos do Oeste Paranaense, sobretudo no Frigorífico de Aves da Copagril.

E esse é o ponto de partida para desvendarmos a expansão geográfica do capital no Oeste Paranaense associada à atividade industrial, e aos efeitos da classe trabalhadora quanto às vantagens que possa oferecer a reprodução e expansão do capital. Assim destacamos que o perfil dos trabalhadores do Frigorífico de Aves da Copagril, não é necessariamente aquele capaz de acompanhar as mudanças tecnológicas e produtivas buscando a constante (re)qualificação profissional, nem o que tenha conhecimentos em informática ou em microeletrônica.

Para melhor entender quem é este trabalhador, bem como o que isso significa na dinâmica territorial do capital e do trabalho via a educação ou formação para o trabalho, destacaremos as principais atividades desenvolvidas no processo produtivo de um frigorífico de aves que consiste em: descarregar as aves quando chegam ao frigorífico e em seguida pendurá-las vivas, a próxima etapa é a sangria (o abate das aves), posteriormente a depenagem das aves e em seguida a escaldagem para retirar o que sobrou de

penas na pele da ave, depois da ave abatida e sem as penas ocorre à evisceração que consiste na retirada dos miúdos (fígado, coração, moela etc), na sequência o espotejamento, cortando as partes das aves, a desossa e por fim o resfriamento.

Os setores de sangria, depenagem e escaldagem, são os que menos empregam trabalhadores, isso porque, são utilizadas máquinas, mas a partir do momento em que a ave se encontra “limpa” por fora, a incorporação de trabalhadores é maior, isso porque grande parte do trabalho é manual, a utilização de máquinas é mínima, até por conta de exigências em contratos de exportação, os chamados cortes especiais, produtos que tem maior valor agregado e que precisam ser preparados manualmente para que o corte seja perfeito, uma vez que a máquina não consegue se adaptar aos diferentes tamanhos das aves.

Portanto a principal característica da mão-de-obra incorporada no processo produtivo de um frigorífico deve ser a agilidade, a rapidez, a destreza manual. Para se ter noção do ritmo de produção de um frigorífico de aves com meta de produção de 9 mil aves/hora, segundo informações de (CÊA e MUROFUSE, 2007, p. 12) é preciso que ocorra a evisceração (puxar os miúdos, retirar e separar) de 14 frangos/ minuto/

trabalhador, cortar 25 asas de frango/ minuto/ trabalhador, retirar 19 pontas de asas/ minuto/ trabalhador, cortar filés em até 10 segundos.

Em conversa com trabalhadores de outro frigorífico de aves, percebemos que estes índices podem ser ainda maiores, sendo que um trabalhador que está a mais de 20 anos trabalhando no setor de cortes de asas, nos declarou que quando começou a trabalhar a meta era de 23 asas por minuto, número que foi crescendo no decorrer dos anos até atingir 35 asas por minuto, o que tornava o trabalho insuportável, de forma que esse número então foi reduzido a 33 asas de frango por minuto.

Pensando no ritmo de trabalho dos frigoríficos de aves, nos indagamos quem são esses trabalhadores que se dispõem a emprego tão desgastante? Como a educação para o trabalho pode ser um elemento importante desta mobilização? Quais as razões desta disponibilidade? Essas são questões que tentaremos elucidar nessa pesquisa, acompanhadas da mobilidade territorial destes trabalhadores, isso porque nos chamou atenção o grande número de trabalhadores que se deslocam diariamente de outros municípios para trabalhar no frigorífico de aves Copagril, conforme pode ser observado na tabela abaixo.

TABELA I: Trabalhadores que se deslocam diariamente para trabalhar na COPAGRIL.

Município	Nº de trabalhadores	% em relação ao total de trabalhadores
Marechal Cândido Rondon	976	62,5
São José das Palmeiras	178	11,5
Santa Helena	144	9,3
São Pedro do Iguaçu	50	3,3
Guaíra	49	3,2
Ouro Verde do Oeste	35	2,2
Entre Rios do Oeste	29	1,8
Mundo Novo - MS	26	1,7
Pato Bragado	22	1,4
Toledo	20	1,2
Mercedes	20	1,2
Quatro Pontes	11	0,7
Total	1560	100

Fonte: Copagril
Organização: Gemelli, 2008

Os trabalhadores que viajam diariamente ao frigorífico atingem quase 40% do total de trabalhadores, provenientes principalmente dos municípios de São José das Palmeiras e Santa Helena. Vale destacar que esses dados mostram apenas os trabalhadores que moram em determinado município e se deslocam a Marechal Cândido Rondon para trabalhar, mas em conversas com os trabalhadores em várias oportunidades, verificamos que é significativo o número de trabalhadores que migraram para Marechal Cândido Rondon em busca de trabalho nas indústrias, sobretudo no frigorífico de aves que é a indústria que

mais emprega no município. O que significa que grande parte dos trabalhadores do frigorífico que moram em Marechal Cândido Rondon vieram de outros municípios, porém não temos nenhum dado oficial do total destes trabalhadores.

Essas informações tornam ainda mais significativa a mobilidade territorial do trabalho e a mobilização do trabalhador para o emprego fabril. E é essa dupla mobilidade e mobilização, que estamos julgando essenciais para a instalação do frigorífico de aves da Copagril no município de Marechal Cândido Rondon, e para a formação de um território de

acumulação de capital baseado na intensa extração da mais-valia e na interligação e inter-relação campo-cidade, uma vez que para que ocorresse a instalação do frigorífico era necessária a existência de matéria-prima viabilizada pela presença, sobretudo, de pequenas propriedades rurais e de trabalhadores no campo integrados a Cooperativa que dá nome ao frigorífico, Copagril. Ainda destacamos que em conversas com trabalhadores percebemos que alguns trabalhadores do frigorífico são provenientes do campo e alguns são provenientes de famílias cooperadas, o que revela mais uma face da mobilidade do trabalho, da expansão do capital e do controle sob os trabalhadores.

O CONTROLE DO CAPITAL SOB O TERRITÓRIO E O TRABALHO

Compreender a dinâmica geográfica do trabalho sob o circuito reprodutivo do capital e seus reflexos na organização territorial, incide em desvendarmos a complexidade das relações de trabalho, a plasticidade, a capilaridade e seus significados na reconfiguração espacial. Para tanto é preciso compreender os efeitos do constante reajuste capitalista sobre o trabalho, evidenciando as implicações sobre o trabalho fabril, verificando de que maneira o operariado fabril torna-se fragmentado, para isso é

preciso nos atermos às fissuras e clivagens que levam também a polisssemização da classe trabalhadora e ajudam a explicar a dinâmica geográfica do trabalho através do território.

Para tanto precisamos, entender o trabalho e seus múltiplos significados e significações para além da fábrica, isso porque o trabalhador continua sendo trabalhador após cumprir sua jornada de trabalho, e as estratégias para essa manutenção são fundamentais para quando no outro dia retornar ao local de trabalho. Como ressalta Thomaz Junior (2002) o mundo do trabalho não se restringe mais à fábrica, tampouco a fábrica é o mundo do trabalho; o trabalho tem seu sentido ampliado, revelando-se polissêmico.

Compreender as tramas e processos implícitos às relações de trabalho são tão fundamentais quanto compreender o trabalho no chão de fábrica, até porque o espaço da produção e o da reprodução estão interligados, de modo que um depende do outro, logo se evidencia o trabalho abstrato e sua expressão territorial explícita diariamente no deslocamento/mobilização dos trabalhadores.

Dentre as diversas categorias de análise geográficas o território representa nessa pesquisa a busca do entendimento da dinâmica geográfica do capital e do trabalho. Conforme Raffestin, (1993 p.143) o espaço precede o território, logo o

território se forma a partir do espaço, por meio de uma ação conduzida por um ator sintagmático, quando ocorre a apropriação de um espaço, de forma concreta ou abstrata o ator territorializa o espaço.

Ainda nesse sentido Thomaz Junior, ressalta:

Abordar os processos sociais e deles extrairmos os conteúdos dos fenômenos investigados, ou as diferentes formas geográficas de explicitação dos fenômenos do trabalho, na perspectiva dos significados espacial e territorial do metabolismo da sociedade do capital, requer que o território seja visto no âmbito do espaço, e o espaço como instância na qual vai se mover o ato analítico do território (THOMAZ JUNIOR, 2009 p.140)

Nessa ação está circunscrita a luta de classes e os interesses dos diferentes atores envolvidos nessa trama, o que resultará na formação de diferentes territórios, muitos deles sobrepostos. Como o território é formado pelo dinamismo dos processos sociais, o mesmo pode ser construído/desconstruído a cada ato de apropriação, de controle ou de resistência, seja por iniciativa de manutenção da hegemonia do capital, ou ainda por uma proposta de criação de uma nova hegemonia, por iniciativa da classe trabalhadora.

Nesse momento o que nos interessa é o território da atividade industrial, sobretudo o território da expansão do

frigorífico de aves da Copagril, de modo que o ator sintagmático nesse processo está incorporado na relação capital x trabalho, com vistas à formação/manutenção de um território que vise à reprodução e expansão do capitalismo enquanto ação hegemônica, que se reflete no fenômeno do deslocamento diário de trabalhadores de diferentes municípios, dos campos e das cidades, que se mobilizam para o trabalho industrial

Compreender os impactos sobre a totalidade social e as estratégias para se valer da exploração/subsunção do trabalho, para além do chão da fábrica são alguns dos caminhos a serem trilhados para o entendimento do reordenamento territorial no Oeste Paranaense, isso porque esse fenômeno atingiu sua amplitude recentemente, quando em 04 de abril de 2005 ocorreu o primeiro abate de aves, projetando uma nova fase na divisão territorial do trabalho.

O território, contudo é formado e estabelecido por relações de poder. Como destaca Raffestin (1993 p.144) *“o território é um espaço onde se projetou um trabalho e que por consequência revela relações marcadas pelo poder”*. Desvelar as relações de poder no território da atividade industrial no Oeste Paranaense, a partir da centralidade do trabalho implica em apontarmos alguns dos elementos da ossatura do capital para territorializar-se, o que implica, por exemplo, na incorporação dos

trabalhadores à lógica e ao ritmo do trabalho nos frigoríficos como apontamos anteriormente, bem como a busca por esses trabalhadores para além dos limites da cidade e mesmo do município.

É através da centralidade do trabalho que nos propomos a delinear os contornos da expansão capitalista no Oeste Paranaense, apreendendo os efeitos da educação para o trabalho sobre os trabalhadores e trabalhadoras que deslocam-se diariamente de outros municípios para o trabalho rotineiro, repetitivo e extenuante no chão de fábrica do frigorífico de aves da Copagril.

Como aponta Thomaz Junior (2009 p.34-35) o espaço e o território revelam os conteúdos, significados e os papéis que fazem com que o trabalho ocupe centralidade. O espaço é a categoria de ordem, e o território é a sua materialidade, e é com esse entendimento que a Geografia do Trabalho se propõe a apreender a dinâmica geográfica da totalidade do trabalho, com vistas à apreensão da práxis social territorialmente fragmentada dos trabalhadores. O autor continua:

é por esse caminho que nos propomos entender o significado das localizações, isto é, por dentro do metabolismo do capital que afeta e divide a vida dentro e fora do trabalho, tanto no ambiente da produção (do trabalho), quanto da reprodução (da morada, do convívio social), influenciando decisivamente a

práxis social dos trabalhadores, marcada historicamente pela fragmentação e estranhamento do trabalho da totalidade social (THOMAZ JÚNIOR, 2009 p.55).

Nossas reflexões serão balizadas no sentido de compreender o processo de trabalho para além do chão da fábrica, pensando na reprodução do ser social que se desloca diariamente de outros municípios para trabalhar no frigorífico de aves. É perceber os efeitos dessas idas e vindas diárias no que se refere à fragmentação da classe trabalhadora e a destrutibilidade do ser que trabalha causada pelas amarras da exploração capitalista. O que vai nos revelar os conteúdos e significados das ações do frigorífico de aves com vistas a sua expansão é justamente o rebatimento desta sobre o ser que trabalha, sob a práxis social, e é a partir dessa realidade territorializada que a barbárie do capital se sustenta. Conforme Thomaz (2002) é preciso compreender o trabalho historicamente, no âmbito da materialidade e da subjetividade, a partir das formas e faces do espaço que regula, ou seja, no seu metabolismo societário.

Para tanto é preciso verificar as estratégias de extração da mais-valia para além do chão de fábrica, pensando na complexa gama de elementos que faz com que o trabalhador seja mais produtivo, dentre eles a captura da subjetividade operária que faz com que o trabalhador se

mobilize cada vez mais ao trabalho. Refletir sob o significado geográfico de tal conteúdo requer a análise da mobilidade territorial do capital e do trabalho em seu processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização.

E é preciso compreender tal mobilidade como a capacidade do capital expandir-se e de controlar a classe trabalhadora no sentido de mantê-la subordinada aos imperativos da reprodução do capital, ou seja, como o capital, de acordo com suas necessidades produz o trabalhador. Nosso objetivo é verificar quais são as qualidades/características/perfil deste trabalhador mobilizado pelo capital e para o capital que fazem com que o frigorífico de aves da Copagril, busque trabalhadores em outros municípios e até em outro estado, caso dos trabalhadores sul-mato-grossenses.

Se o território do capital e do trabalho no Oeste Paranaense, foi se redesenhando, assumindo novos contornos com a instalação do frigorífico de aves da Copagril, porém continua tradicional a forma de expansão do capital, explorando, subordinando, subsumindo a totalidade social a seus imperativos, e isso deve ser feito para além do tempo em que o trabalhador está no frigorífico, durante sua árdua jornada de trabalho, é preciso que esteja presente no território da produção e da reprodução, portanto de volta para casa

o capital deve continuar no seu processo de construção e manutenção hegemônica, com vistas à reprodução do capital e do ser que trabalha.

Essa ação hegemônica do capital sob o território e o trabalho se torna um trunfo quanto ao controle social por parte do capital, uma vez que seu dinamismo expresso na capacidade de se territorializar-desterritorializar-reterritorializar, serve de ameaça, de coerção a própria organização dos trabalhadores. Como destaca Carvalho (2004 p. 202) tendo como um de seus componentes de controle mais eficazes a hegemonia sobre o território, pode o capital operar com desenvoltura sua estratégia de acumulação.

A depender dos níveis de interesse e da amplitude das contradições, das lutas e da capacidade de organização, o capital migra com mais ou menos intensidade. Nas diversas porções do território, os conflitos se materializam, cada qual com especificidades e mediações próprias, mas afinados a uma lógica espacial que, via de regra, expressa os níveis e os conteúdos dos mecanismos de dominação e controle do capital sobre os trabalhadores (THOMAZ JÚNIOR: 2009 p.75).

Nesse bojo, a Geografia do Trabalho chama pra si a responsabilidade de compreender o metabolismo da relação capital – trabalho que se expressa na tessitura da organização sócio-territorial, através do dinamismo que redefine constantemente, sociedade e território,

através da incorporação de novos elementos no (re) fazer constante do capital enquanto ato hegemônico.

Para tanto, torna-se imprescindível levar em consideração as fissuras e clivagens impostas à totalidade social, através da constante redefinição das relações capitalistas, com um único fim, sua expansão e reprodução.

Destacamos dois elementos sob os quais o capital deve manter sua hegemonia para reproduzir-se, trata-se, o território e o trabalho. Assim o território é um dado material e objetivo, sob o qual se projeta determinada intencionalidade, materializada através das ações dos diferentes atores sociais, e mediada por relações de poder. O trabalho consiste na forma histórica de acumulação do capital, através da extração da mais-valia de forma relativa ou absoluta. Manter o controle sob a totalidade que trabalha na grande maioria das vezes por medidas coercitivas é fundamental para a territorialização e reprodução do capital. Uma das maneiras de manter sob controle a totalidade social é através da formação de sindicatos corporativos, pouco combativos e que não tenham como bandeira de luta a defesa da classe trabalhadora e de seus direitos, sobre isso abordaremos adiante o caso do sindicato SINTRASCOPA, que tem como filiados os trabalhadores do frigorífico de aves da Copagril.

O capital, de um lado hegemoniza o processo, conformando assim, conformando assim, sob seu controle, a totalidade produtiva. O trabalho, por outro lado, ao inserir-se nesse processo, entra subsumido, real ou formalmente, dependendo do desenvolvimento das forças produtivas, conforme Thomaz Junior (1998 p.31).

É nesse crivo que entendemos os diversos significados do trabalho nas suas mais diversas formas, terceirizado, autônomo, informal, doméstico, escravo, e no caso dessa pesquisa industrial, precarizado e degradante.

Ainda sob as condições para a expansão capitalista Harvey (2005 p.65) aponta que para o capitalismo sobreviver, deverá existir ou ser criado espaço novo para a acumulação. E é isso que ocorreu em Marechal Cândido Rondon com a instalação do frigorífico de aves da Copagril e no Oeste Paranaense com a expansão das indústrias alimentícias, com destaque também para os frigoríficos de aves e suínos.

A tessitura da organização territorial vem sendo construída no Oeste Paranaense com o avanço das forças produtivas, territorializando-se pela especialização da atividade agroindustrial, configurando a dinâmica territorial do capital e do trabalho. Deste modo, a lógica de expansão capitalista faz do espaço territorializado um dos elementos cruciais

para sua acumulação e, por consequência do circuito reprodutivo do capital (re) configura a divisão territorial do trabalho, através de seu dinamismo, de sua fluidez e de sua capacidade de mover-se sob o espaço buscando novos territórios a serem incorporados em sua lógica reprodutiva/destrutiva.

Nessa lógica o trabalho se torna um elemento crucial, sendo um dos nós que forma a complexa malha social e que se expressa na disposição territorial, para tanto, como bem destaca Thomaz Junior (2002) é preciso compreender o conteúdo contraditório da luta de classes e os elementos estruturantes da relação capital-trabalho.

Se falamos de território, trabalho e capital, logo estamos supondo a existência de conflitos, inerentes ao desenvolvimento econômico e a dinâmica territorial do trabalho. Para tanto é preciso apreender a realidade por meio das vivências que se concretizam na práxis social e que impactam a classe trabalhadora, redefinindo seus contornos e complexificando o trabalho em suas múltiplas significações (formal, informal, terceirizado, domiciliar, autônomo etc.)

Os conflitos implícitos e explícitos na relação capital-trabalho estão alicerçados justamente na função que cada uma dessas categorias exerce. Como destaca Carvalho (2000 p. 22) Ao compreendermos o capital, enquanto sistema de controle do

metabolismo social, verificamos que ele opera de forma incontrollável, devido às fissuras estruturas do seu modo de produção e reprodução social, porém constituindo-se como uma estrutura *totalizante* de controle.

São as formas de controle do capital sob o metabolismo social que permitem a formação de territórios, e que revelam as formas territoriais das tramas sociais, lembrando que o capitalismo é também uma relação social.

São diversas as formas que a armadura do capital adota para manter hegemônica sua intencionalidade, e no jogo de forças capital-trabalho, a corda arrebenta no lado mais fraco, ou seja, são os trabalhadores que sentem de maneira perversa os efeitos da civilização do capital.

Nesse sentido a classe trabalhadora assume múltiplas (os) facetas e significados, que podem ser sentidas em conversa com os trabalhadores da Copagril e que mostram que o capital tem conseguindo manter seu controle sob a totalidade social, primeiramente percebemos que os trabalhadores são convidados a se aliar ao capital, dessa forma, os que se mostram mais produtivos e tem mais espírito de liderança são promovidos a cargos de controle do capital, de supervisão da produção e do trabalho. Isso se torna formidável para trama do capital, à medida que fragmenta a classe trabalhadora, quando um dos seus

passa a ser mais um do capital. Além de provocar o estranhamento deste, agora, “aliado do capital”, uma vez que não se reconhece enquanto trabalhador que precisa vender seu trabalho, para aquele que agora defende.

A captura da subjetividade operária é assim um elemento importantíssimo para o capital manter vivo suas estratégias de dominação, que pudemos perceber em conversa com alguns dos trabalhadores, quando indagamos, qual seria a razão da elevada rotatividade de trabalhadores no frigorífico, as repostas se dividiram entre: a) o fato do trabalho ser muito extenuante e, b) porque tem gente que quer trabalho mole, que não quer trabalhar mesmo.

A resposta “b” significa que o capital tem conseguido formar em parcela importante dos trabalhadores as bases para a reprodução da barbárie, tendo esses trabalhadores como aliados, fato que contribui novamente para o estabelecimento de uma (des)identidade da classe trabalhadora.

Como aponta Thomaz Junior (2002) a configuração territorial (alienada) resultante nos mostra que o trabalhador além de estar alienado do produto do seu trabalho, está também alienado da sua identidade com o semelhante (ser social). A sociabilidade contemporânea, muito mais fetichizada do que períodos anteriores reafirmam a lógica destrutiva do sistema

produtor de mercadorias, ancoradas, pois, na vigência do trabalho estranhado.

Esses são alguns dos significados do metabolismo do capital sob o ser que trabalha e que se materializam na formação de territórios primazes para a expansão capitalista, caso que podemos verificar na instalação do frigorífico de aves da Copagril, quando a formação da classe trabalhadora, se mostra como um elemento fundamental para a construção da tessitura sócio-territorial.

A formação da classe trabalhadora no sentido da educação para o trabalho, revela os contornos do trabalho abstrato, que aliena, estranha, fragmenta e complexifica a classe trabalhadora, assim o metabolismo do trabalho sofre um (re)arranjo, uma mutação do trabalho concreto enquanto ontologia, formador de coisas socialmente úteis como a própria reprodução social, para um trabalho imposto aos imperativos do capital. Sobre o trabalho concreto Thomaz Junior nos fala;

ontologicamente *prisioneiro* da sociedade, o trabalho, em todas as suas dimensões é, pois, a base fundante do autodesenvolvimento da vida material e espiritual, sendo que circunscrito à sua forma concreta garantiria a realização de uma vida cheia de sentidos, emancipada para o ser social que trabalha (THOMAZ JUNIOR, 2002)

Contudo à luz da construção de alternativa emancipadoras do ser social nos

indagamos, a respeito da vida material e espiritual do trabalhador da Copagril, dos reflexos do trabalho para além da linha de produção, e até que ponto essa vida material e espiritual está a serviço da reprodução do capital, e, portanto, longe da libertação do trabalhador ao modelo de civilização apresentado pela sociedade do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHAL, M. D. **A dimensão territorializante da qualificação profissional em São Paulo: a ação dos sindicatos** (Tese de Doutorado). Presidente Prudente/SP: FCT/UNESP, 2004;

CARVALHAL, M. D. **A comunicação sindical em Presidente Prudente/SP: elementos para uma leitura geográfica.** (Dissertação de mestrado). Presidente Prudente/SP: FCT/UNESP, 2000;

CÊA, G. S. S.; MUROFUSE, N. T. Associação dos Portadores de LER (APLER) na luta pelos direitos dos trabalhadores de frigoríficos do oeste do Paraná. **Anais do V Congresso Latinoamericano de Sociologia do trabalho.** Montevideo, 18 a 20 de abril de 2007.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço** – 2 ed. São Paulo/SP: Annablume, 2005;

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993;

THOMAZ JÚNIOR, A. **O mundo do trabalho e as transformações territoriais: os limites da 'leitura' geográfica.** In. Revista Pegada Vol.3 número 1, outubro de 2002;

THOMAZ JÚNIOR, A. **Dinâmica Geográfica do Trabalho no Século XXI (Limites Explicativos, Autocrítica e Desafios Teóricos).** (Tese de Livre Docência). Presidente Prudente/SP: FCT/UNESP, 2000;

THOMAZ JÚNIOR, A. Por uma geografia do trabalho. (reflexões preliminares)”. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales**, Barcelona, 2002a. disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/c4-jmont.htm>.

GEMELLI, D. D. Capital, Território e Trabalho no Oeste Paranaense: o frigorífico de aves da Copagril. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, vol. 10, n. 2, 31 dezembro 2009. Disponível em: <<http://www.fct.unesp.br/ceget/pegada102/09diane1002.pdf>>. Acesso em: __.__. 20__.

* Pósgraduanda em Geografia Produção do Espaço e Meio Ambiente. Instituição: UNIOESTE/Fco.Beltrão e Mal.Cdo.Rondon. Bolsista da CAPES.